

# Escola e tecnologia: um diálogo necessário

Maria Lúcia Miranda Afonso<sup>1</sup>

**RESENHA de:** MAGALHÃES, Cláudio Márcio. TVE E ESCOLAS - Propostas para projetos entre as TVs Educativas e Escolas de Ensino Básico. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Televisão Universitária – ABTU, 2017. ISBN: 978-85-89518-04-8.



A escola pública surgiu em meados do século XIX, a partir do interesse do capitalismo em preparar as gerações para outro modo de vida, mas, também, das demandas de acesso ao conhecimento, como um bem de cidadania e instrumental para a vida. Tradição e inovação sempre se confrontaram na história da escola, gerando uma ambivalência entre o desejo de desenvolvimento e a resistência às novas metodologias.

Hoje, no Brasil, o ensino fundamental é garantido como direito e está quase universalizado. A expansão da escola pública, no século XX, aconteceu lado a lado com o reconhecimento de crianças e adolescentes como cidadãos e pessoas em desenvolvimento, ativas e criativas, capazes de compreender e criar sentidos. Trata-se de uma inovação: para esses cidadãos, é preciso repensar a educação e as relações educativas.

Como contribuir para essa transformação pedagógica? A escola, que se mantinha, orgulhosa, como centro de excelência do saber na sociedade, precisa olhar para os lados e descobrir de onde e por quais meios está sendo produzido o conhecimento e sua aplicação nas diversas esferas da vida. Nesse entorno, encontra a Televisão Educativa

(TVE). E a primeira reação é negar a sua relevância. O celular, a televisão, a câmera e outros só serviriam para fins mundanos, desprezíveis diante dos valores do admirável mundo velho. Podem ser usados nos espaços cotidianos, mas nunca na sala de aula!

Ora, é nesse momento que se precisa de um bom diálogo para compartilhar e construir novos sentidos. É nesse registro que se coloca essa bela cartilha intitulada “TVE e escolas: propostas para projetos entre as TVs educativas e escolas de ensino básico”. Trata-se de um texto claro, agradável, colorido e, principalmente, inteligente e criativo.

A produção da cartilha envolveu uma equipe coordenada pelo Prof. Cláudio Márcio Magalhães, e os bolsistas de iniciação científica Izabella Fonseca Costa, Luiz Cláudio França Santos Magalhães e Victor Alves de Almeida Soares. O projeto gráfico é de Victor Alves de Almeida Soares e a revisão de Valéria Gonçalves.

A cartilha é um produto técnico fundamentado em pesquisas, realizadas entre 2014 e 2016, no Programa de Iniciação Científica e Tecnológica da Coordenação de Pesquisa do Centro Universitário UNA, com apoio do Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local (Centro Universitário UNA), da Associação Brasileira de Televisão Universitária e da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

As Televisões Educativas (TVE) existem há mais de 50 anos, e funcionam, hoje, em grandes emissoras estatais e também em diversos municípios brasileiros (Magalhães, 2017). Entretanto, ainda não existe um laço entre elas e as escolas. O Prof. Cláudio defende que, se uma TV é educativa, então deve dialogar com as escolas formais, além de outros espaços educativos. Busca-se não uma inovação meramente tecnológica, mas uma intervenção pedagógica que possa fortalecer a qualidade da educação, a cidadania de crianças e adolescentes, as competências dos professores e trazer resultados para a comunidade.

As pesquisas mostraram que, em Minas Gerais, 100% das TVEs acreditavam ser educativas, mas apenas 81% mantinham alguma atividade com escolas e, principalmente, com universidades. Dentre os educadores, 83,4% afirmaram que não havia relação entre a TVE e a escola. Porém, um terço das escolas admitia que havia a possibilidade de criar um relacionamento com as TVEs (Magalhães, C.; Costa, I.; Magalhães, L.C.F.S, 2016).

Assim, foram construídos 14 projetos para realização conjunta entre TVE e escolas. Incluem a cobertura de atividades na escola (como feira de ciências, eventos esportivos e culturais), programas comunitários, oficinas de reportagem, programas infantis, entrevistas com educadores e pessoas da comunidade, dentre outros. São projetos que podem ser articulados, documentados, mensurados e avaliados.

A cartilha faz sugestões flexíveis sobre gravação e edição de programas e interprogramas: usar equipamentos da TVE ou da escola, bem como os equipamentos móveis dos alunos. Reitera-se a necessidade da participação dos alunos, além de apontar uma maneira de se usar os celulares/tablets na produção de conhecimento. As novas tecnologias podem contribuir para ampliar a participação de todos os envolvidos no processo educacional. Por exemplo, a edição do material pode ser feita pela equipe da TVE ou pela escola, ou em conjunto, incluindo os estudantes, em todos os passos do processo e estimulando as suas competências. Isto possibilita a participação ativa, com maior compartilhamento entre educadores e educandos.

A cartilha oferece um roteiro para criação de projetos, desde o título até os resultados, buscando caminhos viáveis, dicas para captar financiamentos e mensurar resultados. Não se trata apenas de sugerir técnicas, mas de desenvolver um olhar pedagógico que cria um laço entre as escolas e a TVE, dirigindo também o olhar para a comunidade: quais são os acontecimentos a serem cobertos? Que sentimentos de identidade são provocados? Há valor

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação. Professora no Programa de pós-graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local/Centro Universitário UNA.

zação da experiência local como plena de sentido para as pessoas que a vivem.

Conforme argumenta o Prof. Cláudio, é preciso ensinar a linguagem do audiovisual para os jovens. Ora, mas eles já não sabem? Sim, mas a apropriação desses equipamentos para a produção do conhecimento recria a relação com

a tecnologia. É como saber falar português, e precisar também escrever em português. Como aprender a falar uma nova linguagem e descobrir as suas diversas aplicações. E por que não na escola? E por que não para a escola?

Assim, no momento em que a sociedade é transformada por sua produção

mediática, em que a escola problematiza o seu papel na sociedade, e em que se indaga sobre como, por quem e para quem o conhecimento é produzido, esta cartilha lança a ideia de que o laço entre escola e TVE é um passo importante para aproximar a educação, a comunicação e o desenvolvimento local.

### REFERÊNCIAS:

Magalhães, C.; Costa, I.; Magalhães, L.C.F.S. Concepções sobre TVE e um estudo sobre as TVs educativas e as escolas em Minas Gerais. In: Nagamini, E. (org.). Processos educativos na interface Comunicação e Educação. Ilhéus, BA: Editus, 2016. – (Série Comunicação e Educação; v.2).

Magalhães, C.; Costa, I.; Magalhães, L.C.F.S. A TV Educativa brasileira é educativa? Um estudo das relações entre a TVE e as escolas locais. Revista. Comunicação Midiática: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação / Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP, V. 11, N. 2, maio/agosto, 2016.

A cartilha poderá ser baixada na seção de Publicações na página da ABTU: [www.abtu.org.br/publicacoes](http://www.abtu.org.br/publicacoes)

## Fórum Internacional de Televisão TV Morfosis

A comunicação passa por diversas transformações. E entendê-las é fundamental para produzir conteúdos audiovisuais cada vez mais coerentes com as tendências de mercado e tecnologias. O TV Morfosis promove debates e levanta questões sobre a atual situação da televisão. O evento que é uma iniciativa da Universidade de Guadalajara, acontece no Brasil através do apoio da ABTU (Associação Brasileira de Televisão Universitária).

